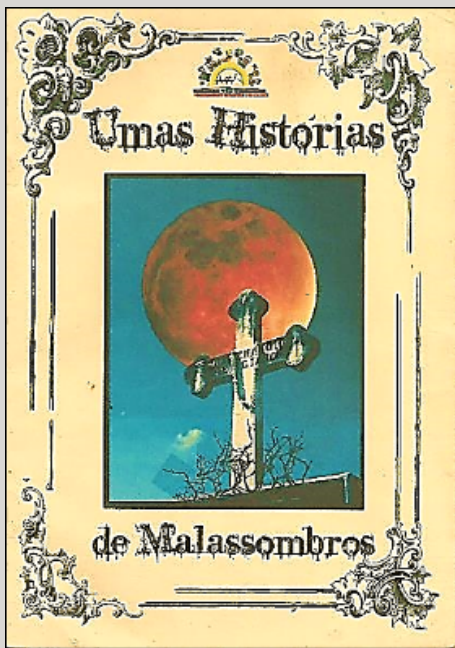
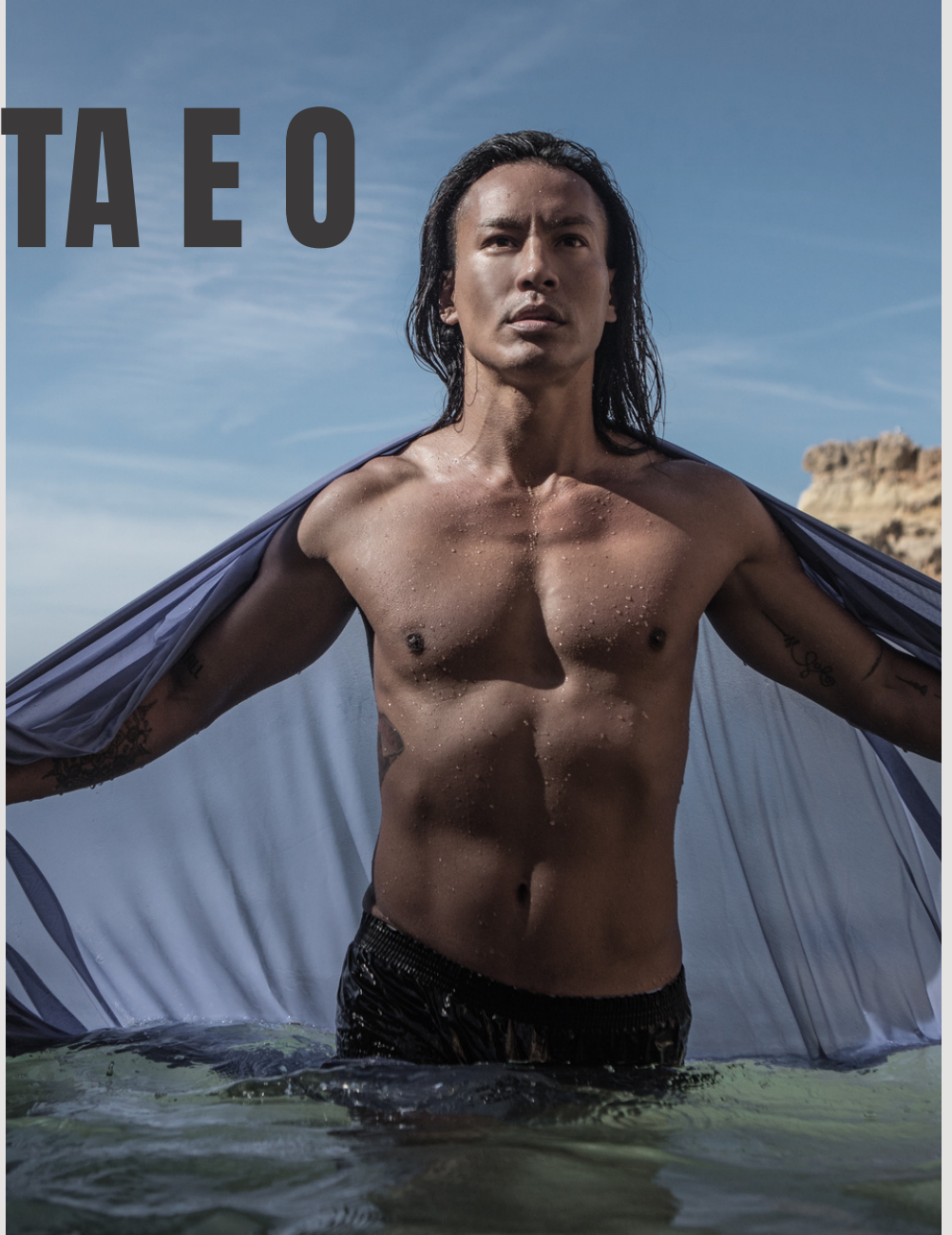


A GAROTA E O TRITÃO

Maria Isabel Sousa
EEFM ESTADO DA BAHIA

Nesta narrativa ficcional retirada da coletânea "Umas Histórias de Malassombro", a Maria Isabel nos apresenta um conto no qual se pode detectar empatia e compromisso social ao lado do ódio, do ciúme, da desestrutura familiar e da violência. Tudo isso num ambiente de mitologia grega. Vale a pena conferir.



Embora o folheto seja louvável, não podemos nos esquecer de que História (com h) é uma ciência. O livro, desta maneira, se trata de uma coletânea de estórias!

Era um pequeno povoado situado em um lugar muito distante. Ali vivia uma jovem moça chamada Éris. Ela era uma menina doce e generosa, tinha longos cabelos negros e encantadores olhos amendoados. Éris morava com a mãe e o padrasto; os dois passavam o dia trabalhando enquanto a jovem garota cuidava da casa onde moravam.

Certo dia, quando estava preparando o jantar, um mendigo bateu à porta. Éris abriu e convidou aquele homem esquelético a entrar.

- O senhor quer um pouco do almoço que estou preparando? A menina perguntou com doçura ao mendigo.

- Sim, minha bela jovem, se não for incomodar! Disse o velho senhor.

A menina rapidamente colocou a comida em um prato e entregou ao mendigo, que comeu com satisfação e avidez. Quando acabou, agradeceu mil vezes pela gentileza e saiu.

Meia hora mais tarde Éris foi colher flores como sempre fazia para colocá-las decorando a mesa do jantar. Na volta para casa, ela encontrou uma senhora caída, o sangue a escorrer-lhe abundante na testa, como água jorrando de uma cascata.

- Boa tarde, senhora! Disse a garota. E continuando:

- Acompanhe-me até minha casa. Lá eu cuidarei deste ferimento.

A velha senhora aceitou o convite e lá se foram elas. Éris, a quem a generosidade não faltava, ia dando apoio à mulher.

Quando chegaram à casinha, a moça limpou o ferimento, mas como faltava material para fazer uma atadura, ela pegou uma camisa do padraço que estava sem uso, cortou e amarrou em torno da cabeça da mulher. Esta partiu muito grata.

Logo depois seu padraço, de coração severo, a quem faltava bondade, chegou vasculhando as painelas. Em tom imperioso perguntou:

- Menina, por que você fez pouca comida!? Logo hoje que estou com uma fome de leão!

- Eu dei um pouco a um mendigo que passou por aqui! Disse a menina.

- Pois não devia ter dado. Agora vamos comer menos que o devido! Falou o padraço com aspereza.



Éris: uma menina disposta a auxiliar...



Na volta para casa, ela encontrou uma senhora caída, o sangue a escorrer-lhe abundante na testa, como água jorrando de uma cascata.

- Mas nós temos o que comer todos os dias. Ele só come o que os outros lhe dão; precisa mais do que nós. Replicou Éris.

- Ele que vá trabalhar! Agora vá buscar aquela camisa azul para mim! Já faz tempo que não a uso! Replicou o padraço.

A garota mordeu os lábios, pensando no que diria ao padraço. A camisa azul que ele pedira era a mesma que ela havia desmanchado para fazer o curativo na velha senhora. Ela já sabia o que viria a seguir. Respirou fundo e foi pegar os restos da camisa.

- Senhor, eu usei pedaços da camisa para fazer um curativo! Disse Éris. E continuou.

- Eu pensei que o senhor não a quisesse mais, pois estava há muito tempo sem uso.

- Agora você passou dos limites! Você vai pagar por isso! Gritou o homem!

A menina recuou, jogou os farrapos da camisa no chão e correu para a sala. O padraço foi logo atrás com uma faca na mão. A garota não ousou sair da sala.

Aguardou o padraço vir silenciosamente. Ele parou a cinco metros de distância de Éris e logo lançou a faca que, por sorte, passou de lado. Enfurecido, ele avançou e deu uma bofetada na garota. Ela, por sua vez, caiu de costas no chão. Quando tentou se levantar, tateou algo. Era a faca.

Movida pelo impulso de raiva, a menina agarrou o cabo e, num impulso de defesa, cravou a faca na barriga do padrasto, quando este já estava para lhe bater novamente.

O homem caiu de bruços, colocando a mão sobre o ferimento e se contorcendo. Éris olhou a faca ensanguentada que estava segurando e só então tomou consciência do que tinha acabado de fazer. Enquanto o homem gemia, Éris correu em busca de algo para cobrir o ferimento, mas quando voltou já era tarde demais. O padrasto já estava morto.

Nesse momento de absoluto desespero sua mãe chegou.

- O que aconteceu aqui? Perguntou a mulher ao ver todo aquele sangue no chão.

A garota, assustada, voltou-se para a mãe:

- O seu marido me bateu. Respondeu Éris com os belos olhos amendoados marejando...

- Mas por que ele está desacordado? E de onde saiu todo este sangue? - Gritava a mãe...

Éris mostra a faca ensanguentada. A imagem dispensava outras explicações.

- Ele atirou-me a faca... Falou a menina com a voz trêmula.

- Eu estava tentando me defender...

Só então a mãe percebe o que ocorrera:

- Meu Deus Éris! Ele está morto! Você o matou!

Ela correu até o marido e o segurou pelos braços, chorando desesperadamente.

- Mãe, perdoe-me! Suplica Éris se aproximando lentamente.

- Eu não quis fazer isso!

A mãe ergueu o olhar para a filha, cravando os olhos no rosto da jovem.

- Você me tirou meu marido!



Isto não tem explicações! Vociferava a mãe, praguejando e lançando maldições à filha:

- Você vai se apaixonar, Éris! Mas não vai jamais poder tocar seu amado...

A menina fitava a mãe, atônita, com a face petrificada.

- Saia daqui! Pegue suas coisas e saia! Gritou a mulher.

Éris correu para o quarto, pegou alguns vestidos e foi embora assustada e sozinha, caminhando sem rumo...

O tempo passou. Éris não mais viu a mãe. Certo dia, ela chegou a uma praia. Lá ela avistou um rapaz sentado sobre uma pedra. O rapaz a olhou e pulou no mar. Éris viu, de súbito, uma cauda de peixe enorme.

Primeiramente, pensou que o peixe engolira o rapaz. Minutos mais tarde ele voltou à superfície.

Uma sensação de calor fez Éris se dirigir até a pedra onde o rapaz estava. Ao olhar em seu rosto, a menina apaixonou-se de súbito.

- Olá. Disse a moça em tom cortês.

- Oi. Respondeu o rapaz.

A menina baixou o olhar. O rapaz tinha uma cauda de peixe no lugar das pernas. Éris imediatamente lembrou o que a mãe lhe dissera: “você vai se apaixonar, Éris, mas não vai poder tocá-lo, não vai ficar com ele”.

Talvez ela não pudesse ficar com ele pelo fato de ele morar debaixo d'água. A parte sobre tocá-lo, Éris só entendeu depois.

Naquele momento, o jovem estendeu a ela sua mão, mas Éris compreendeu o que se passava. O jovem era um tritão.

Desolada, a menina correu para o mais longe possível. Pelo resto de sua vida ela tentou esquecer o jovem dos mares, mas a cada dia aquela imagem se tornava mais forte, como se ele mesmo estivesse em sua frente.

Éris não se apaixonou por outra pessoa. Permaneceu vagando, tentando reencontrar o jovem homem-peixe, mas ele nunca mais voltou à superfície. Mal sabia ela que nas profundezas, o jovem passou a eternidade perturbado por não poder tocar a bela jovem.



ACONTECERÁ NO MÊS DE NOVEMBRO MAIS UMA EDIÇÃO DO PROJETO "MERGULHANDO NA LEITURA E NA ESCRITA". TRATA-SE DE CULMINÂNCIAS DE DIVERSAS ATIVIDADES LEVADAS A TERMO DURANTE TODO O ANO PELOS PROFESSORES E ALUNOS DA EEFM ESTADO DA BAHIA. ALÉM DE UMA MIRÍADE DE PRODUCÇÕES DISCENTES, CONTA-SE COM PERFORMANCES DE ARTISTAS LOCAIS BEM COMO PALESTRAS IMPERDÍVEIS DE ESCRITORES CONCEITUADOS DA REGIÃO. EM SUA SEXTA EDIÇÃO, O EVENTO TEM CAUSADO GRANDE EXPECTATIVA. VALE A PENA CONFERIR!



NÃO SEJA O DE HOJE. NÃO SUSPIRES POR ONTENS. NÃO QUEIRAS SER O DE AMANHÃ. FAZE-TE SEM LIMITES NO TEMPO.

CECÍLIA MEIRELES



**SOMOS DA
NATA DO LIXO,
DO LUXO DA
ALDEIA,
SOMOS DO
CEARÁ!**

NOVOS HORIZONTES
PARA A PRODUÇÃO
TEXTUAL NO ENSINO
MÉDIO NO ESTADO DO
CEARÁ!

**PARTICIPE
CONOSCO!
PUBLIQUE. SOMOS
MAIS DO QUE MIL!
SOMOS UM!**